

Um Credor

Novela escrita em Inglês por Miss Edgeworth.

Tradução De C. de Koseritz



FURG

“Na alta e na classe média da sociedade, diz um célebre escritor, não é raro ver-se homens de um belo caráter, outrora tipos de honra e lealdade, degradarem-se a pouco e pouco debaixo da fatal influência da desordem nos seus negócios, de vê-los no princípio desculpar-se, enrubescendo de vergonha, temendo o encontro com amigos aos quais devem dinheiro emprestado, reduzidos a expedientes e subterfúgios miseráveis para retardar ou evitar o pagamento de suas dívidas legítimas, até que afinal, estando familiarizados com a mentira e malquistados com a sociedade, eles perdem toda a nobreza e dignidade, próprias do homem.”

O coronel Pembroke, o herói de nossa história, não se havia ainda, no momento em que tomamos conhecimento com ele, “familiarizado com a mentira”, sua consciência não estava inteiramente inacessível aos remorsos, nem seu coração à compaixão, mas tinha uma singular inclinação a pôr de lado todos os sentimentos e princípios de honra, que o pudessem incomodar.

Ele se havia ligado a uma sociedade de jovens peraltas e egoístas, cujas opiniões ele substituíra à lei, à moral e à equidade; era a eles que apelava em todos os casos duvidosos, e como se houvesse acostumado o tornar dependente da decisão daquele *tribunal* a satisfação que podia ter de si mesmo, ele não tinha tempo nem desejo de consultar o seu próprio juízo. Seus prazeres e as suas despesas eram por conseguinte regulados pelo exemplo dos seus amigos e não por sua escolha pessoal. O objeto de sua maior ambição era seguir o exemplo de sua roda em todos os absurdos caprichos da moda para o seu trajar e para as suas equipagens e todas aquelas necessidades fictícias lhe pareciam coisas de primeira urgência.

Embora ainda estivessem em muito bom estado as suas roupas, seu chapéu, seu calçado, sua mobília ou sua carruagem, no dia em que esses objetos deixavam de ser do rigor da moda, eles perdiam todo o valor aos seus olhos. “Ninguém pode apresentar-se com tais objetos, para quê mais servem eles?”

As finanças do coronel Pembroke não se achavam exatamente no estado de fazerem face a princípios de tal prodigalidade¹, mas isto era uma desgraça que compartilhavam com ele alguns dos seus companheiros de folguedo, a quem pouco se lhes dava disso; aliás eles podiam viver do crédito, “esse Talismã que realiza tudo o que se imagina e que pode tudo imaginar.”²

Sem demorar-se com reflexões sobre as próximas ou longínquas consequências desse sistema, Pembroke o achou, desde que o experimentou fácil a praticar, mas na continuação lhe achou alguma dificuldade. As contas dos seus fornecedores tornavam-se cada dia mais numerosas e os pedidos de pagamento mais incomodativos.

¹ Prodigalidade significa ter um caráter de pessoa pródiga.

² Nota do tradutor: Vêde Des Casaux: Sur le mecanisme de La société.

Ele se defendia com muita habilidade e pela prática se havia aperfeiçoado na arte de embromar, pela qual outrora se ilustrara Fabius³. Não ter fé, nem lei para com os credores, era, como ele dizia francamente, um dos preceitos de sua moral.

Ele sabia, com o mais especioso⁴ ar do mundo, jurar sobre a sua honra de gentil-homem, que pagaria uma qualquer bagatela no dia seguinte, quando nunca lhe entrou na ideia de cumprir a sua palavra e, chegado o dia seguinte, não lhe faltava jeito para maldizer o *miserável* que se permitia recordar-lhe a sua palavra de gentil-homem.

Contudo, encontrou ele gente menos tratável que aqueles *pobres diabos*. O alfaiate do coronel Pembroke, que no princípio havia sido o homem mais condescendente do mundo e que em três anos havia elevado a sua conta a 1.300 libras esterlinas, perdeu afinal a paciência e teve a impertinência de falar de sua numerosa família e de suas imperiosas necessidades de dinheiro etc., etc. Depois, o sapateiro do coronel, ao qual este havia comprado anualmente o valor de 200 libras de calçado para si e os seus criados, pretendia achar-se em embaraços de dinheiro e negou a continuação do crédito. “É um animal ingrato.”, dizia Pembroke, que havia chegado a crer que os seus credores eram ingratos e insolentes, porque lhe exigiam o seu dinheiro, porque “os homens chegam frequentemente a acreditar piamente aquilo, que eles têm o costume de repetir todos os dias, sobretudo quando o seu auditório não os contradiz.”⁵

Ele não ignorava que os fornecedores lhe lançavam tudo quanto ali comprava pelo preço dobrado e por essa razão julgava que não havia nada de mais justo, que embromá-los com o pagamento segundo a sua conveniência.

Quanto aos pretextos de urgentes necessidades de dinheiro, de numerosa família ele considerava tudo isso como palavras, cantigas de negociantes, com as quais um gentil homem não devia incomodar-se mais que com os pedidos de alguns mendigos.

Um dia, em que Pembroke ia passear a cavalo com alguns dos seus companheiros, chegou-se a ele um rapazinho de 8 a 9 anos que lhe apresentou um papel, que ele tomou por uma subscrição.

- Aí está, disse atirando à criança uma moeda de prata, toma isto, e sai debaixo dos pés do meu cavalo; é o que te aconselho, meu amiguinho!

Em vez de afastar-se, a criança chegou-se ainda mais, e sem agarrar a moeda, estendeu o papel ao coronel, que acabava de montar a cavalo.

- Oh! Por Deus! Isto já é demais, meu rapaz. Nunca leio as subscrições; antes de ler uma só, eu daria tantas moedas, quantas se me pedisse.

³ Referência ao hábito de guerrear do imperador romano Fabius (280 a.C - 203 a.C)

⁴ Especioso significa ter aparência enganosa, ilusória.

⁵ Nota do tradutor: La Rauchefaucould.

Referência ao Duque de La Rauchefaucould (1613-1680) moralista francês autor de *Reflexões ou sentenças e máximas morais* (1664).

- Mas, senhor, não é uma subscrição... Eu não sou mendigo, senhor!

- Ah! O que é então? Uma conta?... Então és pior que um mendigo, és um credor! Nos caminhos públicos e na tua idade! Que será de ti, velhaquinho, quando tiveres a idade do teu pai? A criança suspirou e o coronel continua, se eu te tratasse como tu o mereces, dar-te-ia uma chicotada! Vês este chicote?

- Sim, senhor... Mas...

- Mas quê? Insolente velhaquinho! Mas quê?

- Meu pai está à morte, disse a criança lavada em lágrimas, e não temos com que comprar pão, nem outros alimentos.

Tocado por estas palavras, Pembroke agarrou o papel e leu depressa o total da dívida e o título da conta.

- Doze libras, quatorze xelins, João Leblanc, tecelão... Não conheço isso... Nem tenho negócios com tecelões, meu caro. Disse o coronel rindo-se: chamo-me Pembroke, o coronel Pembroke.

- O coronel Pembroke, sim senhor, é justamente a pessoa a que me endereçou o senhor Close, o alfaiate.

- Close, o alfaiate! Que diabo leve o velhaco! É ele quem te mandou perseguir-me aqui? Pois bem, por ter-me feito semelhante passagem, não enxergará durante todo este ano a cor do meu dinheiro! Podes lhe dizer isto, meu chorãozinho hipócrita. E tu, a primeira vez que vieres, traga outra história melhor, deixa em casa teu pai e tua mãe e teus irmãos e irmãs doentes da febre! Compreendes?

Assim falando, ele rasgou a conta e fez chover os pedaços sobre a cabeça do rapazinho, operação que assaz entretinha os amigos de Pembroke e que ele intitulava: empoeirar um credor.

Eles se dirigiam alegremente para o *parque* e o pobre rapaz deu volta depois de haver agarrado a moeda de prata. Sua moradia era numa ruazinha de Moorfields, pouco mais ou menos a três léguas da parte elegante da cidade, em que habitava o coronel.

Como a criança ainda nada houvesse comido, achava-se fraca e por isso, sentindo faltarem-lhe as forças enquanto atravessava Covent-Garden, sentou-se no canto de um canteiro de flores.

- Que estás fazendo aí, gritou-lhe um homem de cara feia agarrando-o pelo braço, que tens a vadiar aqui, onde estás no melhor caminho de quebrar o meu mais bonito pé de balsamina?

- Não pensava fazer mal. Não estou vadiando, senhor, disse o rapazinho, somente me sinto fraco e tenho fome.

- Laranjas! Laranjas! Belas laranjas! Gritava uma mulher que conduzia para junto da criança o seu carrinho de mão, carregado de magníficas frutas. Se tens dois vinténs, compra-me uma dessas belas laranjas!

- Não tenho dois vinténs de meu, respondeu o pequeno.

- O que é que vejo através do bolso furado do teu colete? Não é dinheiro em prata?

- Sim, é uma moeda de prata; essa, a levo para o meu pobre pai que está doente e que tem mais precisão dela do que eu.

- Mas, disse a mulher, compra a laranja; não é senão dois vinténs e ela te fará bem. Me fazes o efeito de ter muita precisão de algum alimento.

- É muito possível; mas o meu pai tem ainda mais precisão, disse o rapazinho, afastando-se das tentadoras laranjas.

O jardineiro de cara feia lhe tomou a mão.

- Está bom, disse ele; acabo de examinar a minha balsamina e vejo que ela não está quebrada; senta-te, meu amigo, descansa e come isto, ajuntou ele, dando-lhe na mão a metade de uma laranja que ele acabava de partir.

- Obrigado, senhor, Deus vos pague! Como e isto é tão bom! Mas, disse a criança, parando de comer logo ao princípio, tenho pena de ter comido tanto, eu devia tê-la levado a meu pai que está doente. Que petisco teria sido este para ele! Vou guardar o resto.

- Não, não, disse a quitandeira, eis aí o que farás. Toma esta para teu pai, ela é muito melhor, e estou certa que lhe fará bem. Não conheço pessoa alguma, a quem uma laranja bem madura jamais tenha feito mal.

O rapazinho agradeceu à boa velha e ao jardineiro, como só sabem agradecer aqueles que⁶ por experiência conhecem os tormentos da fome. Depois de haver descansado e achando-se capaz de caminhar, continuou o seu caminho. Sua mãe o esperava na porta da casa.

- Pois bem, João, que novidade trazes? Ele pagou?

O rapazinho abanou a cabeça em sinal de negativa.

- Então é preciso suportarmos, conforme pudermos, essa nova prova, disse a mãe, enxugando o frio suor que lhe inundava a testa.

- Mas vê, minha mãe, aqui tem uma moeda de prata, que aquele senhor me deu, tomando-me por um mendigo.

- Corre, meu filho, vai à casa do padeiro... Mas não... Tu estás cansado; eu mesma irei e tu sobe e fica ao pé do teu pai; dize-lhe que o pão vem neste momento.

- Não corra tanto, minha mãe, disse o rapazinho, gritando atrás dela e mostrando a laranja: eis aí o que trago para meu pai, enquanto não vier o pão.

⁶ No original consta apenas “q”.

Ele subiu três andares de uma sombria escada, estreita e carcomida, que conduzia ao quarto onde seu pai se achava deitado.

A porta estava presa numa só dobradiça e a criança, que quase não tinha forças para levantá-la do chão em que estava enterrado, a entreabriu com a menor bulha⁷ possível, justamente para poder escorregar para dentro.

Tomem bem cuidado de lá penetrar, aqueles dos nossos leitores, aos quais são necessários para comovê-los elegantes pinturas de infortúnios imaginários e aos quais a sua extrema sensibilidade faz recuar ante o horrível espetáculo de uma miséria verdadeira.

Ali não há cenas românticas, nem dramáticas a ver, nem linguagem poética a ouvir, nada que se possa lisonjear a imaginação - tudo inspira desgosto e repugnância.

Esse quarto era tão escuro, que quem vinha de fora, podia mal distinguir o que ele continha e pessoa alguma acostumada a respirar um ar puro, poderia suportar alguns minutos de demora nesse covil. Havia três camas. Uma, sobre a qual estava deitado o doente, uma outra, separada da primeira por um despedaçado tapete, era para a sua mulher e sua filha e uma terceira, para o seu filho, estava no canto mais afastado da peça. Debaixo da janela estava uma máquina, na qual o pobre tecelão havia durante muitos dias e anos rudemente trabalhado, talvez demais, até o momento, em que surpreendido pela moléstia, tinha sido obrigado a abandonar o seu ofício; sua filha, que contava pouco mais ou menos 16 anos, estava sentada ao pé da cama, tratando de acabar um trabalho de agulha.

- Como esta vermelha, Ana, diz o seu irmão pequeno, respondendo ao olhar que ela lhe lançou, quando entrou.

- Traze-nos dinheiro? Murmurou ela; se a resposta é *não*, a disfarce, de modo⁸ que o nosso pai não ouça.

O menino contou-lhe a meia voz tudo quanto se havia passado.

- Fala alto, disse o pai; estou acordado. Voltas pois como fostes?

- Não, meu pai, não de um todo; no mesmo instante virá pão.

- Dá cá mais um pouco de água, Ana, tenho a boca seca.

O rapazinho cortou a laranja e deu um pedaço ao seu pai, ao passo que ele contou como a obteve. O doente levantou a vista ao céu e abençoou a boa mulher que lha havia dado.

- Tanto quero a essa pobre velha, disse o menino, quanto tenho ódio a esse rico injusto e cruel que não quis pagar a meu pai todo o custoso trabalho que havia feito para ele. Oh, quanto ódio tenho dele!

⁷ Bulha, no contexto, significa barulho.

⁸ No periódico, consta “medo”, considerado inadequado no contexto.

- Deus lhe perdoe! Disse o tecelão. Não sei o que ficará feito de vós todos, quando não existirei mais e que não tereis pessoa alguma para proteger-vos ou mesmo para trabalhar na máquina.

- Ana, disse ele, levantando-se na cama, me parece que se eu estivesse em pé, acharia os meios de ganhar ainda alguma coisa.

- Não penseis em levantar-vos, meu caro pai. O melhor que vós podeis fazer para nós é ficardes deitado e repousando!

- Repousar! Ana... Não acho repouso. Repouso é o que para mim não há neste mundo. E enquanto eu cá estiver não é o meu dever trabalhar para a minha mulher e meus filhos?

Dê cá minha roupa... vou me levantar.

Uma vez debaixo do império dessa ideia, que era o seu dever trabalhar até ao fim, teria sido impossível demovê-lo do seu propósito.

Toda a oposição só teria servido para agravar o seu mal; de sorte que sua mulher e sua filha se viram obrigadas a ceder e a deixá-lo ir a sua máquina, quando suas trêmulas mãos apenas podiam lançar a naveta⁹. Ele não viu quão fraco estava, senão quando experimentou caminhar. No momento em que ele descia de sua cama, sua mulher entrou com um pão na mão. A esse aspecto lançou ele um brado de alegria e foi ao encontro dela, mas caiu sobre o soalho desmaiado, antes de haver podido levar à sua boca um pedaço de pão. Tal era o deplorável estado de fraqueza ao qual o havia reduzido a falta absoluta de alimentos, o excesso de trabalho, e a constante inquietação de que estava possuído. Quando o mísero tornou a si, sua mulher mostrou-lhe seu pequeno filho, ocupado a comer um grande pedaço de pão; ela comeu também e fez Ana comer em sua presença para sossegar o seu marido que tinha tido, não sem alguma razão, receio de ver sua mulher e filhos morrerem de fome a sua vista.

- Bem vedes meu pai, que por hoje não há perigo, disse Ana; amanhã eu receberei o preço da minha costura e então teremos com que passar mais alguns dias, em cujo intervalo o alfaiate Sr. Close, provavelmente receberá dinheiro de algumas daqueles senhores ricos que lhe devem tanto dinheiro e bem sabeis que ele prometeu pagar-nos logo que pudesse.

Essas esperanças e a lembrança dessas promessas não eram capazes de restabelecer a coragem do pobre homem, que bem sabia quão pouco podia contar sobre elas. Logo que havia comido e sentiu renascer as suas forças, insistiu para ir a sua máquina com a firme vontade de acabar um desenhado qual ele tinha de receber 5 guinéias¹⁰ a vista. Ele se pôs a trabalhar depois de haver estendido sobre a sua cama, tomado um pouco de repouso, tornou a trabalhar

⁹ No periódico é utilizado o termo “navella”, mas considera-se que, no contexto, o termo correto seria *naveta* que é instrumento de madeira com o qual o tecelão faz correr o fio sobre o tear.

¹⁰ A palavra Guinéia advém do substantivo guinéu que foi uma moeda inglesa de ouro, que valia 21 xelins.

da melhor maneira durante todo o dia, e ainda durante algumas horas da noite girava a sua naveta, enquanto que sua mulher e seu pequeno dividiam a sede.

Quando estava acabada a sua obra, atirou-se ele sobre a cama, justamente ao momento em que o relógio vizinho dava uma hora da noite.

Durante esse tempo achava-se o coronel Pembroke no meio de uma alegre sociedade em casa de Mad. York, num esplêndido salão, cintilante de luzes, cujas paredes estavam decoradas com as mais raras flores - numa palavra, ele estava cercado das mais loucas prodigalidades do luxo. Somente de pêssegos¹¹, dizia-se, figuravam nessa festa para mais de 600 guinéias.

Eles custavam uma guinéa cada um:

O preço de um só, que o coronel Pembroke atirou fora, porque não o achava bem maduro, teria sido suficiente para sustentar durante uma semana inteira o tecelão e toda a sua família.

Certos economistas partidários do luxo sustentam, talvez com razão, que a prodigalidade dos indivíduos aumenta a riqueza da nação. Mas admitindo esse sistema, quando, depois de se ter feita, com a fé de esperanças mentirosas, trabalhar o operário, não se lhe paga o seu salário legítimo, não só se comete para com ele a mais cruel injustiça, mas também se causa os mais graves prejuízos a sociedade em geral, porque em toda a sociedade o trabalho não pode ser permanente, senão enquanto a sua remuneração é certa.

Entre as máscaras que enchiam o salão de Mad. York, havia três que entretinham particularmente a reunião: a alegre corte os seguia a medida que eles circulavam, e os seus ditos engraçados eram aplaudidos e repetidos por tudo quanto ali havia de melhor em homens, mulheres e espirituosos e da moda. As três personagens, assim observadas, representavam um pródigo, um meirinho e um credor importuno. O papel de pródigo era com muito espírito preenchido pelo coronel Pembroke e dois dos seus amigos representavam perfeitamente de meirinho e credor. A feliz ideia de aparecerem de noite nesse disfarce tinha sido sugerida pelo incidente acontecido de manhã. O coronel Pembroke aplaudia-se muito, segundo dizia, de haver inventado essa novidade, cuja dificuldade lhe dava a graça e alegrava-se que um canalha de um tecelão, mandando importuná-lo pelo seu pequeno, lhe houvesse fornecido um sujeito de divertimento tanto para a manhã, como para a noite.

Temos um vivo pesar, de não poder, para benefício da posteridade, recordar-nos de algumas das coisas boas, que ali foram debutados por esse trio. Os próprios jornais da época falaram disso nos termos de um pomposo panegírico.

Segundo todas as probabilidades devia o coronel merecer os elogios, que havia obtido pela maneira com que havia desempenhado o seu papel.

¹¹ No periódico encontra-se “pecigos”, porém, no original encontra-se a palavra “peaches” que em português significa pêssegos.

Ninguém melhor que ele conhecia todas essas anedotas de homem da moda, feitos para ilustrar o sistema dos dissipadores. Pelo menos pela quinquagésima vez tinha ele repetido e dito de um homem de categoria, que respondeu a um credor, que teve a *impertinência* de lhe perguntar quando seria paga a sua letra: “No dia do último juízo.”

A admiração que esses e outros ditos semelhantes têm achado terá sem dúvida feito nascer no espírito de muitos mancebos de bom coração, um desejo de realizar façanhas iguais; embora de ali haja podido nascer a ruína de um grande número de pobres credores, não merecerá isto atenção de certa classe de moralistas, nem mesmo um momento de recurso ou de reflexão passageira. Há gente cuja delicada consciência se revoltaria à ideia de serem assaz injustos e cruéis para deixarem morrer de fome seus credores, mas que acharam meios de endurecer-se, encarando as coisas debaixo de um grande ponto de vista político.

Evidentemente, seja A ou seja B, que tenha em sua algibeira 100 guinéias, o total da riqueza da nação não muda; que os gozos da vida de A sejam iguais a 100, e as da B iguais a zero, ou que esses gozos sejam igualmente repartidos entre A e B, isto não tem importância para o economista, visto que em ambos os casos a soma total da felicidade da nação, fica evidentemente a mesma. A felicidade dos indivíduos nada é comparada com a massa.

Quando o indivíduo B se acha bastante maltratado pelo nosso economista e esforça-se para fazer observar-lhe, que embora a felicidade de B nada seja para a massa geral, não deixa de ter valor para ele mesmo - então o economista tem uma pitada de rapé e responde que a observação é alheia à questão. Se B se conformar a esse respeito e perguntar humildemente se o bem de todos não se compõe do bem das partes e se, sendo ele uma dessas partes, não tem algum direito a sua parte do bem, o hábil economista responde que de maneira alguma pode ser questão de B, porque B é uma quantidade negativa na equação.

Quando ainda o obstinado B, persistindo em se julgar lesado, opõe algumas objeções a essa niilificação¹² completa de si e de seus interesses e pergunta por que seu lote de homem perdido não caberia em partilha ao devedor C, ou ao próprio economista, este franzirá as sobrancelhas e responderá tudo o que quiserem, menos: - *Não sei*, o que seria uma frase contrária à dignidade de um filósofo. Se reproduzirmos esse raciocínio não é porque nele achamos uma fiel explicação da situação que nos ocupa; mas sim porque ele resume a resposta dada pelo bom senso popular aos sofismas dos economistas.

O coronel Pembroke, apesar dos sucessos que ele tinha obtido no baile masque de Mad. York no seu papel de dissipador, não podia, com todo o espírito e toda a habilidade, satisfazer ou reduzir ao silêncio o seu impertinente alfaiate.

¹² No contexto, significa a ação de tornar insignificante - já que nihil é nada - a importância de B.

O Sr. Close recusara absolutamente de por mais tempo dar-lhe crédito sem vantagens consideráveis: o coronel foi obrigado a assinar uma letra por toda a soma que ele reclamava, passando em mais de 50 libras a soma real do débito, a fim de compensar para com o alfaiate a falta de dinheiro à vista. Quando a letra estava bem assinada, selada e entregue, o Sr. Close exibiu a conta do pobre tecelão.

- Coronel Pembroke, disse ele, estou na verdade envergonhado de vos falar em semelhante bagatela - mas como estamos ocupados em ajustar as nossas contas - e depois esse Leblanc, o tecelão, acha-se numa miséria tão terrível, que ele e sua família me perseguem diariamente, a fim de vos falar de seu pequeno débito.

- Quem é esse Leblanc? Disse o Sr. Pembroke.

- Recordar-vos-eis daquele elegante desenho para colete, do qual comprastes a peça inteira, de medo, que ele se tornasse comum e geralmente usado?... Pois bem, esse Leblanc é o tecelão de quem eu a obtive.

- Deus me perdoe; - já há mais que dois anos e eu julgava isso pago há muito tempo.

- Não... Eu desejava que assim fosse; porque já há dois meses eles me atormentam todos os dias; nunca vi gente tão impaciente de receberem o seu dinheiro.

- Mas por que empregais vós, gente tão miserável e tão ávida? Que podeis esperar de gente assim senão ser perseguido a todos os momentos?

- É a pura verdade, coronel; também tomo o maior cuidado em evitá-lo; mas, no caso vertente, não tenho de que me recriminar, porque esse Leblanc, quando o empreguei, estava em muito boas circunstâncias para um homem de sua classe, mas desconfio que ele se tenha dado à bebida porque agora não tem mais vintém.

- Que precisão de beber tem um pobre diabo de sua classe, disse rindo-se o coronel Pembroke; ele que deixe isto para gente mais nobre que ele. Beber é um prazer demasiadamente grande para um tecelão. Dizei a esse velhaco, a esse bêbado, que seu dinheiro está mais seguro nas minhas mãos que nas suas.

Então sentiu o alfaiate um pequeno remorso de consciência; ele tinha falado ao acaso e sem sombra de motivo, para insinuar que o pobre tecelão se havia arruinado pelo vício.

- A fé, senhor, disse Close retratando-se; é muito possível que ele não seja um bêbado; nada sei de positivo a esse respeito; foi uma pura suposição minha, que esse deveria ser o caso, vendo-o caído numa miséria que não teria, ao meu ver outra explicação a não se dá fé ao que ele diz, que tudo isso foi devido à falta de pagamentos, que lhe retardaram.

O coronel Pembroke tossiu duas ou três vezes ao ouvir essa insinuação e tomou a conta do tecelão com uma certa veleidade de a pagar; mas, recordando-se que teria precisão de dinheiro à vista, que trazia na algibeira para outra qualquer ocasião indispensável, contentou-se a sua

humanidade com a recomendação que fez a Close de pagar a Leblanc e de acabar quanto antes com isso.

- No caso que vos (vós) lhe derdes o dinheiro, podeis, como sabeis, aumentá-lo em minha conta ou pô-lo como acréscimo nas costas de minha letra. Enfim arranjai isso como quiserdes, contanto que não ouça mais falar nisso. Não tenho tempo para ocupar-me de semelhantes bagatelas. Bons dias, Sr. Close!

O Sr. Close não teve o cuidado de obedecer a essa ordem do coronel. E, portanto, quando a sua volta veio achar a mulher do tecelão a sua espera, assegurou-lhe que não tinha visto a cor do dinheiro de Pembroke e que lhe era absolutamente impossível pagar o Sr. Leblanc, antes dele haver sido pago; que não se podia exigir que ele adiantasse dinheiro de sua algibeira a Deus e todo mundo o que lhe pedia de não o incomodar e perseguir mais, *pois que não tinha tempo para ocupar-se de semelhantes bagatelas*.

Com a fala dessa *bagatela*, da qual por falta de tempo não se podiam ocupar nem o coronel Pembroke, nem o seu elegante alfaiate, achavam-se o pobre tecelão e a sua família reduzidos a última miséria, a uma fome profunda.

O operário tinha gasto as suas últimas forças em acabar um desenho encomendado por um negociante, que lhe havia prometido de lhe pagar no momento da entrega 5 guinéias. E de fato ele recebeu essa soma, mas devia a seu senhorio pelo aluguel de sua miserável mansarda quatro guinéias e a única que restava foi repartida entre o padeiro, ao qual ele devia uma conta antiga, e ao boticário, ao qual tinham recorrido com a sua moléstia. Não tinham eles, pois, literalmente nada mais sobre que contar, senão sobre o que a mulher e a filha pudessem ganhar com os seus trabalhos de agulha. Mas a sua extrema miséria era tão conhecida, que os seus prudentes vizinhos não ousavam confiar-lhes bordados de medo de não lhe serem devolvidos. Aliás, vendo-os viver num covil tão sujo, não esperavam que de suas mãos saísse alguma obra asseada.

Finalmente, porém, a dona da casa em que moravam lhes obteve algum trabalho de Mad. Carver, uma senhora viúva, a qual, segundo ela dizia, era extremamente caritativa. Ela convidou Ana a lhe levar em pessoa a costura logo que estivesse pronta e esperar a falar com a senhora em pessoa, pois que talvez esta tivesse com ele algum rasgo de generosidade, como se contava tantos por ela feitos.

Ana resolveu seguir o conselho; mas quando ela levou a costura ao lugar indicado, quase que faltou a coragem, vendo que Mad. Carver habitava uma casa tão magnífica, que havia pouca probabilidade que os criados deixassem penetrar uma pobre rapariga mais longe que ao vestíbulo ou à casinha. Por um acaso saiu a dama do seu pequeno salão no momento em que

introduziam Ana no vestíbulo; ela a fez entrar, examinou a sua obra, que achou boa e gavou¹³; dirigindo-lhe algumas perguntas sobre a sua família, pareceu comover-se a vista da descrição que Ana lhe fez de sua miséria e depois de haver pago o preço estipulado pela obra, deu-lhe meia guinéia e lhe disse que voltasse no dia seguinte, que ela faria esforços para fazer mais alguma coisa por ela.

Esta inesperada generosidade, e o tom e o ar de doçura que a acompanharam, produziram uma tal impressão, sobre a pobre moça, que teria caído se não se segurasse para apoiar-se no espaldar de uma cadeira.

Mad. Carver a fez sentar-se:

- Oh... Estou boa, agora, senhora... Não é nada... É unicamente a surpresa, disse ela, desfazendo-se em lágrimas de alegria. Peço-vos perdão de minha asneira, mas hoje estou mais fraca que de costume... É a necessidade.

- A necessidade! Minha pobre filha!... Como ela está tremendo! Na verdade, fraca como está não a devo deixar sair.

Mad. Carver tocou a campainha e mandou trazer um copo de vinho; mas Ana não ousou bebê-lo, porque, não estando acostumada ao vinho, sabia que lhe faria mal a cabeça, se tomasse sem ter comido. Quando a dama a viu recusar o vinho, não insistiu, mas instou com ela para comer alguma coisa.

- Ah, senhora, disse a pobre moça, há tanto tempo que não tenho comido com igual vontade e estou quase envergonhada de estar aqui a comer iguarias, enquanto meu pobre pai e minha pobre mãe se acham no estado, que conheceis. Mas agora corro depressa à casa com a meia guinéia para lhes contar quão generosa fostes para conosco. Quão felizes vão eles ser! Quanto vos agradecerão! Minha mãe há de querer vir agradecer-vos pessoalmente e ela melhor do que eu saberá expressar os seus sentimentos.

Seria necessário ter por experiência conhecido as angústias da fome para se fazer uma ideia da alegria e da gratidão, com as quais essa pobre família recebeu a meia guinéia. Uma meia guinéia!... O coronel Pembroke no mesmo dia havia despendido seis em casa de um negociante de frutas e dez vezes outro tanto na loja de um joalheiro em sinetes e berloques que de nada lhe serviam.

Quando Ana e sua mãe se apresentaram no outro dia em casa de sua benfeitora para lhe agradecer, ela ainda não estava levantada, mas o criado lhes entregou da parte de sua ama um embrulho que continha uma nova encomenda de costuras, um vestido e algumas outras peças de roupa, destinadas para Ana.

¹³ O verbo gavar é sinônimo de gabar, de elogiar.

O criado lhe disse que se ela quisesse voltar às 8 da noite, sua ama a poderia provavelmente receber e lhe mandava pedir de acabar a costura até aquela hora.

A obra foi feita, embora que com alguma dificuldade, à hora indicada e Ana, vestida com sua roupa nova, estava na porta de Mad. Carver no momento em que soavam 8 horas.

A velha dama estava só, tomando chá e pareceu agradecer-se da pontualidade de Ana; disse-lhe que havia tomado informações sobre o senhor e a senhora Leblanc e que tendo obtido favoráveis respostas, estava disposta a fazer tudo quanto estivesse nela para lhes ser útil.

Ela acrescentou que em breve teria de despedir a sua camareira e que Ana talvez a pudesse substituir. Nada podia ser mais agradável para a pobre moça, que essa posição.

Seu pai e sua mãe se alegravam com a ideia de a ver tão bem arrumada e esperavam com impaciência o dia em que Mad. Carver houvesse de despedir a sua camareira. Por enquanto continuava a velha a empregar Ana e a fazer-lhe presentes, ora de roupa, ora de dinheiro. O dinheiro dava esta a seus pais e agradecia do fundo da alma à sua boa velha, como ela a chamava, de lhe oferecer os meios para socorrer aos seus pais.

A doença do tecelão havia sido causada pela falta de alimento suficiente, pela fadiga do corpo e a ansiedade do espírito; sua saúde logo melhorou, desde que se viu ao abrigo da miséria e que lhe renascia a esperança.

Mad. Carver lhe encomendou duas peças de fazenda para coletes, que prometeu colocar convenientemente por meio de uma loteria, cujos bilhetes ela venderia a seus numerosos conhecidos. Ela testemunhou uma grande indignação quando Ana lhe contou como Leblanc havia sido arruinado por gente que se recusavam a pagar os seus débitos legítimos, e quando ela soube que vendiam ao tecelão as matérias primas por um preço excessivo, porque as comprava fiadas, ofereceu ela generosamente de lhes emprestar todo o dinheiro de que pudessem precisar, dizendo que Ana o pagaria, quando quisesse, com descontos no seu ordenado.

- Ah, senhora, disse Ana; sois demasiadamente boa, se pudesses ler em nossos corações veríeis¹⁴ que não somos ingratos.

- Estou certa, que jamais vos acharei ingrata minha querida, disse a velha; pelo menos é esta a opinião, que de vós tenho.

- Obrigada, senhora, obrigada de todo o meu coração! Todos nós teríamos morrido de fome sem o vosso socorro e graças a vós somos hoje tão felizes inteiramente diferentes do que éramos.

- Com efeito, pareceis hoje toda diferente do que eras, quando vos vi pela primeira vez, minha filha. Minha camareira despede-se amanhã, e podeis vir às 10 horas; espero que nós nos

¹⁴ Manteve-se a conjugação realizada pelo tradutor, embora inadequada.

daremos bem. Achareis em mim uma ama fácil a contentar e não duvido de que sempre em vós acharei uma boa moça, grata como pareceis ser.

Ana esperava com impaciência o momento em que devia entrar no desempenho de suas novas funções. Ela ficou acordada durante a metade da noite, pensando nos meios de mostrar suficientemente a sua nova ama a extensão de sua gratidão.

Como Mad. Carver havia frequentemente expressado o desejo de ver Ana bem vestida, ela tratou de ataviar-se com a melhor roupa que tinha e o seu pai e sua mãe, dizendo-lhe adeus, não podiam deixar de observar, da mesma maneira como Mad. Carver, que Ana parecia absolutamente outra, do que algumas semanas antes!

Na realidade era ela uma jovem extremamente bonita; mas nós não temos necessidade de aqui narrar os elogios que seus pais no excesso de sua ternura prodigaram à sua bela filha.

No momento em que ela partia, estava João, seu pequeno irmão, em casa de um carpinteiro da vizinhança, ocupado a compor uma roda do carro de mão da boa velha, que lhe havia dado a laranja para o seu pai.

A velha, que estava ao pé, olhou para Ana com curiosidade e depois perguntou baixinho ao rapaz:

- Esta é a tua irmã?

- Sim senhora, e melhor irmã não há no mundo.

- Pode ser, disse a mulher, mas não é provável que o seja por muito tempo, no caminho que ela vai agora.

- Que caminho? O que quereis dizer? Perguntou Ana, cujas faces se coloriram d'um vivo rubor.

- Oh, vós me compreendeis bem, apesar da vossa inocência.

- Ao contrário, não vos compreendo de maneira alguma.

- Não me compreendeis? Pois então não sois vós, que vejo quase todas as noites ir a certa casa da Rua Chiswell?

- Em casa de Mad. Carver?

- Mad. Carver!... Ora vamos! Gritou a mulher atirando para longe um pedaço de casca de laranja com um ar de desprezo muito pronunciado. Eis aí uma bonita descaída! Como se eu não conhecesse seu nome e todos os seus negócios tão bem como vós!

- Vós? Disse Ana; então conheceis seguramente uma das melhores mulheres do mundo.

A quitandeira examinou a fisionomia de Ana, ainda com mais atenção do que antes, e depois, agarrando-lhes nas duas mãos disse:

- Pobre moça! Para que abismo vos encaminháveis! Creio realmente que o ignoráveis; mas se o sabeis, sois a maior velhaca¹⁵ que tenho jamais visto neste mundo de velhacadas.

- Assustais a minha irmã, disse o rapazinho; por favor, vos peço, dizei-lhe d'uma vez o que quereis dizer; vede como ela se torna pálida.

- Tanto melhor, agora não desespero mais dela. Pois bem, para vos dizer tudo - pouco importa que ela se assuste, pois que é para o seu bem - essa Mad. Carver, como vós a chamais, não é Mad. Carver senão quando ela, a vista de pessoas como vós, tem precisão de passar por mulher de bem.

- Passar por mulher de bem! Repetiu Ana com indignação. Oh, se o é; se é boa mulher! Vós não a conheceis como eu a conheço.

- Eu a conheço muito melhor, é o que vos posso assegurar. Se preferes não me dar crédito, ide vosso caminho, caminhai à vossa perda, à desonra, à morte... Como ante vós tem ido tantas pelo mesmo caminho. Vossa Mad. Carver ocupa duas casas, uma das quais é uma casa ruim, e é para que essa que ireis em breve, se não desconfiares dela. Agora sabeis toda a verdade.

A pobre rapariga ficou de tal maneira horrorizada, que durante momentos estava incapaz de falar ou de pensar.

Desde que ela tornou a ter bastante presença de espírito para refletir no que lhe cumpria fazer, declarou que no mesmo instante ia voltar para casa, e tornar a vestir os seus andrajos para devolver à infame Mad. Carver toda a roupa que lhe havia dado.

- Mas que ficará feito de nós todos? Ela emprestou a meu pai dinheiro, muito dinheiro. Como poderá ele pagá-lo?... Oh, eu pagarei tudo, irei conchavar n'alguma casa honesta, agora sou bastante forte e sadia para fazer toda a qualidade de trabalho e Deus é minha testemunha, que tenho a firme vontade de proceder assim.

Armada com essas resoluções, Ana se deu pressa de chegar em casa para contar a seu pai e a sua mãe tudo quanto havia acontecido; ambos não estavam em casa e ela dirigiu-se à dona da casa, que lhe havia recomendado Mad. Carver e fez-lhe exprobrações nos mais tocantes termos, que a sua dor lhe sabia inspirar. A proprietária a ouviu com sua surpresa verdadeira ou maravilhosamente bem fingida, e declarou que tudo quanto ela sabia de Mad. Carver, era que habitava numa grande e bela casa e que havia sido caritativa com alguns pobres de Moorefields; que ela gozava da melhor reputação e se esta não era atacada, senão por uma quitandeira de laranjas, não havia razão para se dar crédito a semelhantes ditos.

Ana começou então a pensar que tudo quanto lhe tinham dito, podia bem ser mentira ou erro; durante alguns momentos exprobrou-se a si mesma de ter tão facilmente suscitado de

¹⁵ Conforme dicionário eletrônico Houaiss, velhaco significa enganador, patife, pessoa de má fé.

uma pessoa que havia sido tão bondosa para ela; mas depois lhe vinham à memória as palavras enfáticas da quitandeira e o seu ar de Mentor¹⁶, embora não fossem senão ares e palavras de uma quitandeira de laranjas, ela não podia impedir-se de temer que houvesse em tudo isso algum fundo de verdade.

Achava-se ela nessa incerteza, quando o relógio deu 10 horas. A dona da casa a apressou para ir sem mais demora a casa de Mad. Carver, a qual ficaria descontente com a sua falta de exatidão; mas Ana quis esperar a volta do seu pai.

- Eles não estarão de volta senão daqui a duas horas, pois que vossa mãe foi ao outro fim da cidade, à casa do coronel Pembroke, por causa de sua antiga conta e vosso pai foi comprar seda para tecer; ele nos preveniu que não estaria em casa em menos de três horas.

Apesar desses conselhos, Ana persistiu em sua resolução; ela tirou a roupa que lhe havia dado Mad. Carver e vestiu a sua velha. Sua mãe, quando voltou, ficou surpreendida, vendo-a nesse estado e nada pode dar uma ideia da dor que ela sentiu, quando soube o motivo dessa mudança. Ela recriminou-se vivamente de não haver tirado informações sobre Mad. Carver antes de deixar sua filha aceitar dela aqueles presentes e derramou amargas lágrimas, pensando no dinheiro que aquela mulher havia emprestado a seu marido.

- Ela o meterá na prisão, esteja certa disso: seremos ainda mil vezes mais infelizes do que nos nossos piores dias. O trabalho com que teu pai está ocupado e com o qual ele esperava realizar alguns lucros, é todo dela e agora nos ficará em casa. O que faremos para pagar a renda à proprietária da casa? Oh, vejo que tudo vem acabrunhar-nos¹⁷ de vez, continuou a pobre mulher com gesto de desespero. Se esse coronel Pembroke nos desse pelo menos o nosso dinheiro! Mas andei toda a manhã a caça dele e quando enfim o encontrei, foi unicamente para ouvi-lo jurar e dizer que éramos todos uma família de credores importunos, ou coisa que valha. Depois me disse do alto da sua rica escada, que havia encarregado o alfaiate Close de nos pagar; quando fui à casa deste, tão pouco pude obter satisfação; sua loja estava cheia de gente e ele me despediu bruscamente, dando-me por resposta, que quando o coronel Pembroke o tivesse pago, ele nos pagaria e antes não. Oh... Que sabem eles dos nossos padecimentos, esses negociantes orgulhosos e esses elegantes peraltas¹⁸! Que se importam eles conosco!... Não lhes peço esmolas, somente o legítimo ganho de meu marido, ganho obtido com rude trabalho e nem isso posso obter deles! Se eles nos pagassem, poderíamos desafiar essa infame mulher; mas agora estamos à sua mercê, eis nós aos seus pés e ela nos deixará morrer de fome sem piedade!

¹⁶ Manteve-se a maiúscula inicial, já que se refere ao personagem Mentor de *Odisséia*, que dá bons conselhos a Telêmaco.

¹⁷ O verbo acabrunhar é sinônimo de acabar, oprimir.

¹⁸ No periódico encontra-se a palavra “perallas”, o que se acredita ser um erro tipográfico.

O pai de Ana entrou durante essas lamentações e quando soube a sua causa, ficou um momento silencioso e depois tirou das mãos de sua filha um embrulho com a roupa, que ela havia preparado para devolver a Mad. Carver.

- Dê cá isto; eu mesmo irei ter com essa mulher, bradou ele com indignação; não quero que Ana jamais torne a por os pés naquela casa.

- Meu querido pai, disse Ana, fazendo-o parar no momento em que ia sair; talvez tudo isso não passe de um erro; eu vos peço que primeiramente vos informeis de outras pessoas antes de falar com Mad. Carver, ela parecia tão boa, foi tão generosa para comigo, que não posso acreditar em sua perversidade. Eu vos suplico, tomai primeiro algumas informações antes de lá ir.

Ele prometeu fazer tudo quanto pedia sua filha.

Depois de sua saída, elas esperaram a sua volta com a mais impaciente ansiedade; o tempo de sua ausência lhes parecia uma demora extraordinária e a cada momento eram elas assaltadas de novos receios e faziam novas conjecturas.

Cada vez que elas ouviam passos na escada, corriam a ver quem era; ora era a proprietária, ora alguns inquilinos ou visitas deles; enfim chegou aquele, cuja volta tanto anhelavam¹⁹, mas apenas o haviam visto, acharam-se confirmados os seus receios. O tecelão vinha pálido como a morte e um movimento convulsivo agitava os seus lábios. Ele foi direto ao seu engenho e sem pronunciar uma só palavra entrou a cortar o trabalho que ainda não estava acabado.

- Que vais fazer, meu amigo? Bradou sua mulher; considera no que estás fazendo, essa obra é a única coisa no mundo, sobre a qual ainda podemos contar.

- Não podes mais contar sobre coisa alguma, disse ele, continuando a cortar o tecido com a mão apressada. Não podes mais contar sobre mim, nem sobre o meu trabalho. Nunca mais manejarei esta naveta - considera-me como morto. Amanhã estarei morto para ti, estarei no calabouço e lá ficarei até o meu último dia. Toma este trabalho, para o dar ao nosso senhorio. Encontrando-me ontem na escada, me disse que de pronto lhe mandasse a renda da casa. Com isto ficará ele pago; pagarei tudo quanto puder. Quanto à máquina, que é alugada, a seda que hoje comprei pagará o seu aluguel. Pretendo satisfazer todas as minhas dívidas até ao último ceitil²⁰, enquanto me for possível. Mas as dez guinéias dessa malvada mulher, não as posso pagar. Eis porque tenho de ir finar-me numa prisão. Não chores Ana, não chores assim minha querida filha. Tu me despedaças o coração, mulher se te desesperares desta sorte. Pois não será uma consolação para nós de pensar que de qualquer maneira que saíamos desse mundo,

¹⁹ O termo “anhelavam” não contém significado em língua portuguesa. No original encontra-se a palavra “longed” que em português significa ansiar.

²⁰ Ceitil foi uma moeda portuguesa oriunda do reinado de D. João I. No contexto a expressão significa pagar até o último centavo.

sairemos como gente de bem, tendo feito em tudo quanto em nossas forças coube, o nosso dever para com Deus e o nosso próximo? Minha filha, continuou ele, vejo-te salva, e dou mil graças a Deus!

Depois de haver desta maneira dado incoerentemente livre curso as ideias que o assaltavam, tornou-se o pobre homem um pouco mais calmo, e conseguiu narrar tudo quanto se tinha passado entre ele e Mad. Carver. As informações que havia tomado antes de a ver confirmaram suficientemente a história da quitandeira de laranjas e quando ele ia devolver-lhe os presentes, que Ana havia infelizmente aceito, Mad. Carver, com toda a audácia d'uma mulher endurecida pelo vício, confessou as suas intenções e o seu ofício. Ela declarou que, apesar da ignorância e inocência que Ana e seus pais haviam por bem afetar agora, ela tinha a convicção que eles sempre haviam compreendido de que se tratava e que finalmente não se deixaria enganar por uma súcia de hipócritas patifes.

Ela começou a jurar com horríveis imprecações, que se arrancassem Ana ao seu poder, se vingaria e que sua vingança não teria limites.

O curso dos acontecimentos mostrou que tudo isso não eram ameaças sem fundamento.

No seguinte dia vieram dois meirinhos prender o pai de Ana. Eles o encontraram na rua, quando foi entregar a sua última moeda às mãos do padeiro.

Em vão esforçava-se o infeliz por comover a autoridade, narrando a simples verdade: Mad. Carver era rica, sua vítima era pobre. Mandaram-o para a prisão e ele lá entrou com a firme convicção de que ali passaria o resto dos seus dias.

Sua mulher conservava no fundo do coração uma fraca esperança, pois julgava que se ela pudesse conseguir, dos criados do coronel Pembroke, que a deixassem falar a seu amo, ou lhe entregassem a narração das suas desgraças por escrito, este pagaria imediatamente as 14 libras que lhe devia há tanto tempo. Com esse dinheiro ela podia conseguir a liberdade de seu marido e tudo ainda iria bem. Seu filho, que escrevia bastante legivelmente, escreveu a petição.

- Ah, minha mãe, disse ele, não podeis esperar que o coronel Pembroke leia este papel; ele o rasgará, como já fez um dia com o que lhe levei.

- Sempre é bom experimentar, continuou ela; não posso crer que um homem seja assaz cruel e assaz injusto... Ele nos pagará, quando souber toda a verdade.

O coronel Pembroke estava se vestindo apressadamente para ir a uma grande janta no hotel da Aurora e da Coroa. Um dos seus companheiros de prazer o esperava na sala. Foi nesse momento pouco propício que chegou Mad. Leblanc.

Ao princípio os criados recusaram absolutamente entregar a sua petição; mas por último um rapaz que o coronel havia há pouco tempo trazido da campanha, consentiu a levar o papel, quando fosse chamado para dar a seu amo informações de um cavalo que estava doente.

Enquanto o criado grave penteava o coronel, foi chamado o rapaz, e depois de algumas perguntas, cheias de solicitude pela saúde do cavalo, recebeu das mãos do groom²¹ o papel que este lhe estendia, dizendo:

- Senhor, lá embaixo está uma pobre mulher que espera a resposta, e se é verdade o que ela diz, como eu o julgo, é de comover a gente.

- Teu coração, meu rapaz, ainda não está aclimatado em Londres, pelo que vejo; disse sorrindo-se o coronel Pembroke; pelo que parece vai derreter-se a vista de quantos mendigos encontrares.

- Não, não; sou homem, e tal não acontece, respondeu o *groom*, apressando-se a limpar as lágrimas com o reverso da mão. Todos não têm ares assim... Os mendigos são mendigos, e deve-se tratá-los como tais. Mas essa mulher, senhor, não é uma mendiga ordinária, estou certo disso; e ela não pede mais que ser paga de sua conta, e por isso julguei dever trazê-la.

- Pois bem, senhor, visto que a trouxestes, podeis tornar a levar a conta, gritou o coronel Pembroke, e para o futuro, senhor, vos recomendo de tomar cuidado nos vossos cavalos e deixar-me a mim o cuidado de tratar dos meus negócios.

O groom retirou-se e, quanto à conta da pobre mulher, seu amo a deu sem a ler ao cabeleireiro, que procurava um pedaço de papel para experimentar o calor de seus ferros.

- Eu seria assaltado desde a manhã até a noite com conta e subscrições, continuou o coronel Pembroke, se eu não tirasse a esses tolos a vontade me as trazer. Esse bobo do groom acaba de chegar à cidade; ele ainda não sabe como se despede um credor, mas em breve o terá aprendido. Dizem que os cães de América só aprenderam a ladrar, depois de se ter encontrado com os cães civilizados da Europa.

O coronel Pembroke tinha o costume de afugentar a reflexão e sufocar os murmúrios de sua consciência por alguma declamação ruidosa, ou algum dito espirituoso.

No fim do papel que o cabeleireiro deixara sobre a mesa via-se ainda assaz visivelmente escrito o nome Leblanc.

- Leblanc, bradou Pembroke, por Deus, há 6 meses são esses Leblancs o tormento de minha vida.

Levantando-se precipitadamente tocou a campainha e mandou ao criado grave que nunca mais se deixasse entrar *esses Leblanc*, e que nunca mais se lhe trouxesse as suas contas ou pedidos.

- Para puni-los de sua insolência, não lhes pagarei um centésimo por ano; se a mulher ainda estiver aí, dissei-lhe isto. Encarreguei o alfaiate Close de os pagar; se não o fez, não é por

²¹ A palavra groom, conforme o *Dicionário eletrônico Houaiss*, corresponde ao empregado que trata dos cavalos.

minha culpa. Não quero mais ouvir falar nisso. O primeiro que ouse desobedecer a esta ordem será despedido.

- Essa mulher já se foi, disse o laçao, não fui eu quem a deixou entrar e recusei-me a entregar o seu papel.

- Fizeste bem. Não quero mais ouvir falar nisso. Chegaremos hoje tarde ao hotel. Peça-vos perdão, meu amigo, de vos haver feito esperar tanto tempo.

Enquanto o coronel se dirigia para uma alegre reunião, cujo centro e base ele era, a pobre mulher voltou desesperada à prisão onde estava preso o seu marido.

Não faremos a descrição da horrível posição em que se achava essa família logo depois dessas cenas. A compaixão tem limites dos quais o coração humano não pode passar.

Um dia que Ana voltava da prisão onde ela tinha ido ver seu pai, chegou-se a ela um sujeito e lhe entregou uma carta, feito o que, desapareceu numa das ruas laterais. Tendo aberto a carta, já não lhe era lícito duvidar de que ela vinha de Mad. Carver; eis seu conteúdo:

“Vossa obstinação de nada vos pode servir; sois a causa do que vosso pai padece na prisão e vossa mãe quase morre de fome. Podeis os arrancar a uma miséria pior que a morte e preparar-lhes o bem-estar para o resto dos seus dias.

“Sede certa que elas²² não são sinceras quando pretendem não querer que ponhais pela vossa complacência um termo aos seus atuais sofrimentos.

“Vós sois cruel para com eles, para convosco própria, e não deveis acusar a mais ninguém. Podereis habitar durante toda a vossa vida uma casa tão bonita como a minha, ter a vossa mesa coberta de iguarias durante todo o ano, trajar com tanta elegância como as primeiras senhoras de Londres (de que a vossa beleza, aliás, vos torna digna), tereis criados, carros, cavalos e nada a fazer senão divertir-vos. E o que se vos pede?

“Unicamente tornar feliz uma pessoa, cujo amor vos invejaria a metade da cidade, e que teria todo o empenho em satisfazer os vossos menores desejos.

“Essa pessoa tendes a visto mais de uma vez no meu salão; é um gentil-homem, rico e generosíssimo. Se vierdes às 6 horas da noite de hoje à Rua Chiswell, reconheceréis a verdade de tudo quanto deixo dito. Ao contrário, vós e os vossos terão de sofrer as consequências de vossa obstinação.”

Tão grosseira que possa parecer a linguagem dessa carta, Ana não a pode ler sem emoção e sem que no seu coração se desse um violento conflito. Ela via de um lado a virtude com a pobreza e a fome, e do outro o vício com a abundância, o amor e todos os prazeres do mundo.

As pessoas que nasceram e viveram no seio do luxo, aos quais o céu nunca enviou o vento da adversidade, cuja alma desde a mais tenra idade tem sido resguardada com o mesmo

²² Manteve-se a grafia original, embora seja provável que esse “elas” refira-se aos pais de Ana.

cuidado, como o seu corpo; que nos perigosos dias da juventude vivem cercados de tudo o que dá o mundo elegante e a solicitude de amigos experimentados pode imaginar para defendê-los, - essas pessoas, dizemos, talvez não sejam competentes para julgar das tentações que podem assaltar a beleza nas classes inferiores da sociedade.

Os que nunca viram um pai na prisão ou uma mãe morrendo à míngua dos objetos mais necessários à vida, ou que nunca conheceram pessoalmente as solicitações da necessidade - não podem se fazer uma ideia completa dos sentimentos que agitavam essa pobre menina, e da tentação à qual ela estava exposta. Ela chorava, hesitava - ora, “a mulher que delibera está perdida.”

Entre as pessoas de seu sexo, serão talvez as mais virtuosas aquelas que estarão mais dispostas à piedade para com essa pobre moça, que morria literalmente de fome, antes de abandonar as suas boas resoluções.

Enfim, cedendo à imperiosa necessidade, ela estava à hora indicada em casa de Mad. Carver.

Essa malvada mulher a recebeu com a alegria do triunfo, deu-lhe de comer e depois se apressou a adorná-la da maneira a mais brilhante possível. A pobre jovem, ficando um passivo instrumento em suas mãos, prometeu obedecer às instruções que recebia, e deixou, sem luta nem emoção aparente, conduzir-se à sua perda.

Ela se achava num estado de completa insensibilidade, quando afinal foi arrancada desse estupor pela voz de um estrangeiro que se achava só com ela. Esse forasteiro, que era um jovem e alegre gentil-homem de exterior e maneiras igualmente agradáveis, procurou por todos os meios agradar-lhe, e acalmar suas apreensões. Depois passando pouco a pouco do tom de levandade, ao da ternura, ele lhe disse que não era um homem vil e brutal, capaz de se contentar com um sucesso, no qual o coração não tivesse parte e lhe assegurou que em todas as relações, que ela quisesse ter com ele, a trataria com consideração e delicadeza.

Comovida por essa linguagem e sucumbindo sob o peso de sua triste situação, Ana não achou uma só palavra de resposta, mas debulhando-se em lágrimas, caiu aos pés do gentil-homem e bradou:

- Salvai-me! Salvai-me de mim mesma! Restitui-me aos meus pais, antes que eles tenham razão de me odiar!

O cavaleiro parecia um pouco incerto, se isso era uma comédia ou se era sincero; ele levantou Ana e a fez sentar-se ao seu lado.

- Devo pois, supor, disse ele, que me enganaram e que é sem o vosso consentimento que vos achais aqui?

- Não, não posso dizer isto. Ah, prouver a Deus, que o pudesse? Fiz mal, fiz muito mal de vir aqui, mas estou arrependida. Eu estava meio morta de fome; meu pai está preso e eu esperava com dinheiro restituir-lhe a liberdade. Mas não procurarei tornar-me aos vossos olhos melhor do que sou. Eu esperava, além de livrar meu pai da prisão, passar todo o resto da minha vida ao abrigo da miséria e esperava ser feliz. Mas agora mudei de ideias - jamais serei feliz sem ter a minha consciência pura. Conheço-o pelo que experimentei ainda agora.

Os soluços lhe embargaram a voz e durante alguns momentos a impediram de falar. O gentil-homem, agora convencido que a emoção de Ana era sincera e não inventada, sentiu-se cheio de compaixão; mas a sua compaixão estava envolta com outros sentimentos e ele esperava que mostrando-se afetuoso para com Ana, a decidiria a viver mais tarde com ele. Tendo ele muita vontade de ouvir a narração de sua vida passada, Ana lhe contou as circunstâncias que os tinham reduzido à miséria, a ela e a seus pais.

Logo ao princípio o gentil-homem mostrou interessar-se muito na narração, mudava de cores, levantou-se precipitadamente de sua cadeira e começou a percorrer o salão em todas as direções e com grande agitação, até que afinal, ouvindo pronunciar o nome do coronel Pembroke, parou de repente e exclamou:

- Sou eu! Eu sou o coronel Pembroke; eu sou esse miserável injusto e cruel! Quantas vezes, na amargura de vossos corações, deveis haver-me amaldiçoado!

- Oh, não, meu pai, mesmo nos momentos em que estava mais mal, jamais vos amaldiçoou e estou certa que ele agora terá muitas razões para abençoar-vos, se lhe restituirdes a sua filha, tal qual ele a deixou.

- É o que farei, disse o coronel Pembroke, o terei algum mérito em impor-me este sacrifício. É tempo que eu repare o mal que tenho feito, continuou ele tirando de sua algibeira um punhado de guinéias, e principiarei pagando a minha dívida.

- Meu pobre pai! Bradou Ana. Amanhã ele sairá da prisão!

- Eu mesmo irei convosco à prisão onde está vosso pai; quero obrigar-me a ver todos os males que tenho causado.

O coronel Pembroke foi efetivamente à prisão e a cena de que ele foi testemunha, o impressionou de tal maneira, que não só tirou essa família da miséria, mas dois meses depois estavam pagas as suas dívidas, vendidos os seus cavalos, e regradas todas as suas despesas, de maneira que para o futuro se tornou verdadeiramente independente e não passou mais os seus dias, com muitos mancebos da moda, a temer e maldizer importunos credores.

Cópia fidedigna da tradução feita por Carlos Von de Koseritz da novela *The dun* de Maria Edgeworth publicada em folhetim no jornal *Echo do Sul* entre fevereiro a abril de 1862, encontrada no acervo da Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande (RS). A ortografia foi atualizada e os erros corrigidos.

Realizada com fomentos do CNPq pela bolsista Juliane Cardozo de Mello.